

ESTANCEIRAS E VIVANDEIRAS: O OUTRO LADO DA MULHER NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Thalita da Silva Gonçalves¹

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a atuação da mulher na Revolução Farroupilha, bem como entender alguns motivos que levaram ao desencadeamento desse conflito. Nossa atenção se concentrará na atuação de duas importantes figuras femininas: as estanceiras e as vivandeiras, uma vez que pouco se sabe sobre a atuação desses sujeitos, já que a atenção sempre se voltou para personagens que mais se destacaram naquele momento histórico, como foi o caso de Anita Garibaldi. Por fim, buscaremos estabelecer uma abordagem que possibilite compreender as mudanças que aconteceram no cotidiano feminino com a eclosão do conflito, bem como analisar as diversas atitudes que foram tomadas por elas, seja no ambiente familiar como no próprio “front” da guerra.

Palavras-chave: 1) Mulher 2) Revolução Farroupilha 3) Estanceiras e vivandeiras

INTRODUÇÃO

(...) era a combatente com espada em punho e com seus lindos cabelos flutuantes que mais se expunha às nossas balas, que mais trabalhava pelo seu marido (...) uma compatriota que dava ao mundo tão sublimes provas de valor e intrepidez (...) conseguiu fugir em noite tenebrosa (...) fiquei penalizado por não possuí-la mais como prisioneira (...) apesar da passagem de vinte anos, quando me recordo do seu pasmoso heroísmo (...) sinto ensoberbecer-me, por haver sido Anita minha gloriosa prisioneira, o mais honroso título de minha longa vida e o principal enfeite da minha fé de ofício (CAPUANO, 2007: 172-3).

Neste trabalho procuraremos analisar a atuação da mulher na época da Revolução Farroupilha, buscando traçar um perfil das dificuldades que essas mulheres que seguiam os soldados passavam na época. Além disso, valorizaremos a análise da vida sentimental e sexual desses sujeitos, sobretudo, das mulheres de família e daquelas que eram tidas como prostitutas em seu cotidiano, a fim de que possamos apontar os aspectos significativos sobre esse momento histórico, possibilitando assim, discutir o cotidiano desses sujeitos.

¹ Acadêmica do 4º ano de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas.

Para tanto, torna-se necessário entender como foram tecidas as atuações femininas na Revolução Farroupilha, bem como qual era a importância dessas mulheres que vinham de todas as partes para servir de todas as formas nessa guerra, sem perdermos de vista a própria conjuntura desse conflito.

Vale ressaltar que o território feminino na história da época não foi um lugar calmo, pois as mulheres não levavam suas vidas sem riscos, pois eram marcadas pelos confrontos e conflitos que enfrentavam. Apesar da dificuldade que enfrentamos com a escassez de documentos sobre a temática, esses sujeitos deixaram suas marcas na história e foi isso que nos motivou a conhecer mais sobre suas atuações.

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

A Revolução Farroupilha foi um movimento organizado pelas classes dominantes pecuaristas, latifundiárias e escravocratas, em que pode-se notar uma grande demonstração de forças e tamanha capacidade de resistência, uma vez que o conflito é considerado, por muitos estudiosos, como uma “revolta fundamentada nos ideais liberais de alguns homens”.

Para começarmos a falar da Revolução Farroupilha torna-se necessário esclarecer que, apesar de ainda ser muito freqüente na historiografia, o nome farroupilha ou farrapo não se deu devido as tropas serem esfarrapadas, pois o termo é anterior ao conflito. Essa abordagem se deve a maneira como os jornais da época retrataram o conflito e seus personagens.

Segundo Machado (s/d), a Revolução Farroupilha foi um conflito que se iniciou com as discussões entre chimangos e farroupilhas liberais sobre as mudanças imediatas na sociedade. Entretanto, ocorreu um impasse entre essas duas categorias, visto que os chimangos eram de uma corrente liberal moderada que acreditava na transformação da sociedade através da lei e os farroupilhas possuíam uma vertente liberal mais exaltada, na qual acreditavam que a única solução seria a revolução.

Conforme o historiador Moacyr Flores (1990), um golpe militar liderado por estes liberais em abril de 1831, ocasionou a renúncia de D. Pedro I. Para o autor, esse episódio fez com que os farroupilhas atordoassem as ruas do Rio de Janeiro.

Um dos episódios importantes que motivou a rebeldia foi a desigual distribuição de renda que era feita pelo Governo Imperial, o que por sua vez, criava uma distorção, já que mesmo com uma produção elevada, o que cabia à província não era compatível com aquilo que ela arrecadava. Os rebeldes afirmavam que parte das dificuldades da província rio-grandense procedia do fato de ela ter de sustentar outras províncias.

Segundo Spalding (1982), em 1821 com todos os impostos que o sul já pagava, como o do quinto², o império decretou uma nova lei. No dia 16 de abril essa lei impunha cobrar, além dos outros impostos, o dízimo dos produtos que as províncias exportavam, como o charque, couro, erva-mate, sebo, graxa, trigo e muito outros produtos. Com essa lei, houve um grande aumento nos preços dos produtos o que, por sua vez, dificultou cada vez mais a exportação dos mesmos.

Segundo o mesmo autor, enquanto a província do sul apresentava essas dificuldades frente ao mercado externo, Buenos Aires e Montevideú vendiam com lucros fabulosos seus produtos ao Brasil - os mesmos produtos que Rio Grande produzia, mas não podia exportar devido aos altos impostos proibitivos.

O Rio Grande era, em tudo, uma província mártir. Para tudo recorria-se ao Rio Grande. Para dinheiro, para recrutamentos, para aboletamentos, especialmente de forças armadas que vinham espiar as manobras dos vizinhos e ver, quase que unicamente ver, como combatiam os pobres rio-grandenses, verdadeiros paus para toda a obra (SPALDING, 1982: 13).

A motivação básica para o abatimento das relações da província com o centro administrativo e que vai ter como fim à revolta armada, foi o sentimento generalizado, por parte da oligarquia gaúcha, da opressão que o império realizava sobre a província.

Segundo Pesavento (1997), os líderes revolucionários – a elite – fizeram a revolução porque queriam o poder de decisão através do sistema federativo. Protegiam o federalismo devido à questão da responsabilidade parlamentar e da distribuição do que era arrecadado por cada província, que, para eles, se apresentava de forma desigual no Império Brasileiro.

Como Sodré ressalta, ao mesmo tempo em que acontecia a Revolução Farroupilha, outras revoltas também ocorriam no Brasil e quase todas pelo mesmo motivo, a luta pelo sistema federativo, como a Cabanagem, a Balaiada e a Revolução Praieira, essas que, junto com o conflito gaúcho ficaram conhecidas como rebeliões regenciais.

Conforme Sodré (1986), a farroupilha durou dez anos. O prolongamento do conflito foi tido como duração “heróica”, pois mesmo com todas as dificuldades encontradas, os revolucionários conseguiram resistir por muito tempo. Além disso, o autor soma a isso o fato do conflito ter conseguido unir as mais diversas classes para um mesmo fim.

Entretanto, como apontam alguns pesquisadores sobre essas rebeliões regenciais, a Revolução Farroupilha não obteve êxito porque não inovou em seu aparato ideológico, já que

²Quinto do ouro, a província tinha que reservar a quinta parte ao império.

importou pensamentos e ideologias oriundas de outras revoluções estrangeiras ou de grandes autores, como Locke.

Utilizando as idéias de alguns dos pensadores iluministas para justificar a revolta, os rebeldes gaúchos extraíram de Locke, o princípio da Legitimidade para o enfrentamento de um poder que ameaçava a propriedade e a soberania rio-grandense, introduzindo a noção de limite à soberania no Estado, quando admite que toda vez que o governo ameaçasse a propriedade dos cidadãos verificar-se-ia uma violação do contrato social, legitimando com isso o direito a revolução. (PESAVENTO, 1997: 97).

Durante o conflito, segundo Spalding (1982), podemos perceber a atuação de homens que lideraram esta revolta contra o Império, como: Bento Gonçalves, General Neto, Pedro Boticário, Onofre Pires, Vicente da Fontoura, Vicente Ferrer de Almeida, David Canabarro, José Mariano de Mattos, Lucas de Oliveira, além de receber inspiração ideológica de italianos carbonários refugiados, como o cientista Tito Lívio Zambecari e o jornalista Luigi Rossetti, além de Giuseppe Garibaldi, que embora não pertencesse a carbonária foi de grande ajuda no conflito, pela sua experiência em outras revoltas.

Nacionalizar a patria; criar dentro dela o verdadeiro amor á terra natal; fazê-la grande e respeitada, completamente independente e capaz, por si só, de conhecer a grandeza de sua missão nentre as nações livres. Criar, finalmente, a verdadeira nacionalidade, entregando o Brasil aos brasileiros. E esta finalidade conseguiram os farrapos, Deus sabe com quantos sacrificios. Mas conseguiram (SPALDING, 1982: 81).

No entanto, muito além desses personagens que já são bem conhecidos pela historiografia, é importante destacar um outro lado dessas rebeliões regenciais que nem sempre é abordado, como a influência e a ajuda da mulher na guerra dos farrapos e também em outras revoltas que ocorreram no Brasil e pelo mundo. Esse lado que quase sempre esquecido ou ignorado envolve a atuação e o papel das mulheres, essas que sempre estiveram ao lado ou atrás de seus homens e que, sem dúvida, foram muito importantes nas guerras.

AS ESTANCEIRAS: A FORÇA DA MULHER POR TRÁS DA GUERRA

Com o início da Revolução Farroupilha a mulher teve sua vida e cotidiano transformado de uma hora para outra. Essas mulheres de costumes calmos viram suas vidas terem um encontro ingrato e arriscado com a guerra. Elas se apresentaram como mulheres firmes tanto no quesito físico quanto no emocional. Esses sujeitos que em muito ajudaram na revolução, não obtiveram muito reconhecimento pela história e quando são abordadas, são colocadas como sombras de seus homens, destituídas de desejos e sentimentos próprios.

Segundo Ortiz (2003), com a ausência dos homens no ambiente familiar devido à revolução, as mulheres tiveram que tomar a frente das casas. Elas se tornaram a cabeça do lar e, por isso, ficaram conhecidas como *estanceiras*. Esses sujeitos permaneceram nas estâncias, com a responsabilidade de administrar e cuidar das lidas campeiras, domésticas dos campos e dos negócios de família, além das obrigações de tomar conta do lar e dos filhos sozinhas sem a presença do homem.

Como Machado (s/d) destaca, um auxílio importante que essas mulheres tiveram foi a presença e a atuação das escravas negras, uma vez que essas, mesmo sem ter o devido valor que mereciam, foram de extrema importância na área rural e na alimentação dos recém nascidos das estâncias.

Numa época de revolta e de falta de carinho, essas mulheres nunca deixaram a afetividade de lado, pois sempre se reuniam nas estâncias e se uniam para rezar pelos os vivos ou chorarem pelos mortos. Mulheres que eram mães, esposas e filhas que ficaram em casa, esperando com ansiedade o fim desta revolta e que seus homens voltassem sãos e salvos para o seio do lar.

Segundo Yvone Capuano (2007) mesmo com pouca visibilidade, não podemos esquecer-nos dessas mulheres que tiveram grande influência na batalha, mulheres como Anita Garibaldi (Ana Maria de Jesus) que esqueceram suas fragilidades e foram para o campo de batalha ajudar seus homens nos conflitos. Mulheres essas que conseguiram provar que mesmo sendo femininas, eram fortes, ativas, com pensamentos extremamente rápidos e que para defender aquilo em que acreditavam e seus homens faziam de tudo.

Além de Anita Garibaldi é importante destacar a atuação de várias outras Anitas, fortes mulheres que auxiliaram na farrroupilha como Dona Maria Josefa Palmiro. Dona Maria ajudava a promover reuniões políticas em sua própria casa, em Porto Alegre, visando dar apoio a Bento Gonçalves e aos farrapos. Essa mulher, segundo Capuano, defendia veemente a libertação dos escravos e tantas outras questões importantes que ela acreditava.

Outros sujeitos que podem ser citados pelo diferencial de seus pensamentos e atitudes é Dona Caetana, esposa de Bento Gonçalves da Silva e Elautéria, mulher de Manuel Antunes da Porciúncula. Com seus maridos à frente da batalha elas assumiram a casa e o controle dos negócios, oferecendo seu extremo apoio à revolução e aos respectivos maridos. Essas mulheres nunca se incomodaram de estar atrás de seus maridos, pois acreditavam em suas ideologias e não tinham medo de lutar por eles.

Dessa forma, procuramos apontar aqui algumas mulheres que, de alguma forma, participaram da revolta, não por meio do porte de armas, mas como cabeça do lar e mentoras

dos negócios. Este é o lado da revolta que não é muito enfatizado, mas que sem o auxílio dessas mulheres para seus maridos, provavelmente, a revolta dos farrapos não teria alcançado tanto destaque. Mesmo que a presença do homem se mostre como fundamental nos conflitos, o apoio das mulheres se revela como um papel importante no desenrolar dos mesmos, sobretudo, no reforço dos laços de solidariedade e no apoio prestado entre os que estão envolvidos diretamente na guerra.

AS VIVANDEIRAS: O OUTRO LADO DAS MULHERES NA FARROUPILHA

Em todas as partes do Brasil que tenho percorrido até aqui, não há escolas nem pensionatos para as moças criadas no meio dos escravos; desde a mais tenra idade, têm elas diante de si o exemplo de todos os vícios, adquirindo, via de regra, o hábito do orgulho e da baixeza. Uma infinidade delas não sabe ler nem escrever: aprendem algumas costuras a recitar orações que elas próprias não entendem, é tudo... (SAINT-HILAIRE, 1987: 95)

Em uma época de revolta, na qual os homens pensavam somente em suas guerras, uma figura pouco reconhecida e respeitada eram as tão famosas “vivandeiras” ou “chinas de soldados”. Essas mulheres sempre acompanhavam as tropas em seus deslocamentos e permaneciam nos campos de combates cuidando dos soldados.

As vivandeiras eram mulheres que serviam aos homens nas batalhas e se mostravam como figura presente em várias revoltas, não só na Revolução Farroupilha, como também na Guerra do Paraguai. Elas eram tidas como “prostitutas de batalhas”, mulheres que sempre estavam dispostas a acompanhar os soldados tanto nas vitórias quanto nas derrotas, apontando-se como figura marcante para os mesmos e para a história.

O estudo de Pernidji (2003) sobre a atuação dessas mulheres na Guerra do Paraguai nos possibilita uma melhor compreensão sobre o termo *vivandeira*. Esse termo era designado para definir como estas mulheres eram conhecidas quando estavam em bandos, ou seja, quando se deslocavam acompanhadas umas das outras. Elas acompanhavam os soldados, a pé ou em carroções atrás das colunas, nas marchas para os combates ou nas retiradas, pra tratá-los, fazer-lhes comida e dormir com eles nos acampamentos.

Os soldados chamavam essas mulheres de chinas, chinocas ou mesmo prendas, pois a maioria delas era solteira e sem família, apresentando-se como mulheres que, sem família, acabavam por adotar umas as outras para continuar a viver. Mulheres fortes que para sua sobrevivência recolhiam roupas de soldados mortos para vender para outros em troca de comida ou de dinheiro.

As vivandeiras também tratavam dos soldados que se feriam na guerra, e se apresentavam como as verdadeiras heroínas desses homens, esses que ao longo da guerra se sentiam solitários e que, por vezes, ficavam doentes tendo somente a elas como apoio.

Não sei por que nenhum historiador destaca a atuação das vivandeiras. Era uma mulher que tinha, quase sempre, ligação com um soldado: ou era mãe ou esposa ou filha. Ela lavava para ele, cozinhava e em caso de ferimento ou doença cuidava dele. Se ele morria, ela não raramente se ligava a outro soldado, razão pela qual muitas vezes a vivandeira era tida como prostituta. Mas não era, não. Eventualmente era papel das vivandeiras recorrer o campo de batalha depois dos combates para socorrer feridos, enterrar mortos e carregar. O carregar era a revista dos mortos, do qual se retiravam valores, botas e armas, o que gerava não raro um pequeno comércio que fornecia recursos pessoais para as vivandeiras. (FAGUNDES, 2008: s/p).

A companhia das vivandeiras para os soldados, por vezes, era a única distração que eles podiam ter. Essas mulheres que apesar do ambiente de tristeza devido às mortes se empenhavam em animar os homens que elas serviam com festas e contos de histórias.

Segundo Maya (2002), esses sujeitos acostumados com esta vida pensavam que, com o raiar do dia, suas sinas sempre seriam a de viver dessa maneira, isto é, entre a morte e o “carregar”. A sina das chinocas era esperar os homens e ensinar novas chinocas que entravam nesta vida com grandes fantasias de aventuras e uma vida nova sem regras, uma situação nem sempre encontrada. Essas mulheres viviam na esperança da vitória da revolução, a mercê dos amantes, esses que lhes prometiam vantagens materiais, dinheiro, presentes e folganças.

Uma defesa que estas mulheres encontravam para se proteger de quem as tratavam mal ou as ofendia era a vingança, pois se mostravam rancorosas e guardavam antigas afrontas, gravando na memória perfis, lugares odiados e planejando vingança contra os mesmos.

Galvão (2003), mesmo sem citar as vivandeiras as compara com guerreiras, pois, segundo ela, elas se mostravam como mulheres fortes e de difícil trato, já que só pertenciam aos homens que queriam. Elas tinham conhecimento de todos os arreios, sofriam assim como os soldados, com a chuva, o frio e a fome. Era comum se embriagarem, engalfinharem-se de bêbadas, mordendo e ferindo umas a outras, ou até mesmo indo para outros batalhões sem se justificarem, e sendo, por vezes, raptadas pelos inimigos.

Uma prática comum entre as vivandeiras era o carregar, isto é, o roubo. Elas despojavam os vencidos ou os mortos para as suas sobrevivências. Com essa prática elas conseguiam se alimentar e faziam um pequeno comércio com os objetos roubados das pessoas.

A semelhança destas figuras femininas guerreiras, no entanto, não terminam por abarcar a riqueza e complexidade das nossas vivandeiras, já que um dos atributos básicos da donzela-guerreira e que faz parte do significado do arquétipo é a virgindade e o destino fatal de oferecer sua vida em sacrifício no campo de batalha. (GALVÃO, 2003:143).

Segundo Potthast (2001) as vivandeiras pertenciam, em sua maioria, às classes populares, pois tinham etiquetas de uma feminilidade que as mantinham cativas, pois eram de certa forma, masculinizadas. Mulheres de pulso firme que quase sempre sabiam lutar para a própria sobrevivência num mundo em que elas tinham que matar ou morrer para sobreviver, um mundo que não tinha lugar reservado para elas.

Diferente da visão dos viajantes que registraram sua passagem pelo Rio Grande do Sul, em anos anteriores a revolução, a figura feminina na guerra farroupilha retratava mulheres jogadas à sorte. Independentes da classe social, embruteceram, assumiram a estância, o comando da casa e dos que dependiam do funcionamento desta. Outras foram à guerra acompanhar seus homens, longe do estampido das armas e canhões se sujeitavam ao destino que o Divino as fizesse merecer. Cozinhavam, costuravam ou tratavam dos feridos e doentes, sem desejar ver entre estes o rosto de um filho, marido ou parente. Brancas, negras ou índia, imperialistas ou revolucionárias viram suas famílias se desestruturarem, tiveram suas raízes arrancadas bem como os filhos de seus braços. Chinas, amantes, mães, esposas, concubinas, esquecidas a margem da história dos homens quando todas foram Anita (MACHADO: s/d).

Como pudemos ver aqui, essas mulheres pouco lembradas na história também tiveram grande influência para a sanidade e bem estar dos soldados. Entretanto, a visão da mulher na revolução sempre será uma visão mais simples e sem muito glamour devido ao rápido esquecimento que a ajuda delas teve para com estes homens em suas batalhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste artigo mostrar como foi importante a participação feminina na Revolução Farroupilha. Independente do que elas faziam, sua presença na guerra dos farrapos foi de extrema importância.

O que procuramos tratar aqui é bem diferente daquela visão que se tinha sobre as mulheres nos primórdios da América Portuguesa, já que, em sua maioria, elas se apresentavam nas descrições como puras e recatadas; mulheres sem opiniões ou direitos. Já nesse trabalho, buscamos retratar a força dessas mulheres que ficaram com o trabalho de administrar a família e o negócio, de agüentar todo o sofrimento que esta guerra impôs em seu cotidiano e que, sem reclamar, viram suas vidas sendo transformadas e viradas de ponta

cabeça, mas sempre mantendo a força e a fibra para sustentar a família, para que os maridos não se preocupassem quando estivessem em conflito armado.

O outro lado que é pouco debatido em relação a essa revolta é o que procuramos tratar num segundo momento, especialmente sobre as vivandeiras ou chinocas, mulheres que quase sempre são desprezadas e tratadas como a escória do mundo, devido a escolha de vida que fizeram que mais popularmente ficou conhecida como a prostituição. Mas, assim como mostramos aqui, o único intuito dessas mulheres eram distrair os homens e fazer que o ambiente da batalha não evidenciasse o quanto terrível era.

O intuito maior dessas mulheres era ajudar seus homens sempre então elas e caracterizavam como mulheres divertidas e arruaceiras, desafiadoras, debochadas, pobres, miseráveis, mas que, mesmo em meio a guerra, nunca perdiam o humor. Dar maior visibilidade a estas mulheres que sempre são esquecidas é o começo para se tentar contar a história desses sujeitos, partindo de um outro olhar, despido de preconceitos e entendendo-as como sujeitos ativos e construtores da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPUANO, Yvone. Anita e Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha. In: BARROS FILHO, Omar L. de *et. ali.* (organizadores). *Sonhos de Liberdade: O legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita*. Vol. 4. Porto Alegre: Coleção Sujeito e Perspectiva, 2007, p. 172-3.

FAGUNDES, Antônio Augusto. *O decênio erótico*. *Jornal Zero Hora*: setembro 2008, nº 15732. Porto Alegre-RS.

FLORES, Moacyr. *História do RGS*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.

_____. *A Revolução Farroupilha*. 4ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A propósito da donzela guerreira. In: ÜSSEHIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (orgs.) *Vozes femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita*. Rio de Janeiro: 7letras: Fundação Casa Rui Barbosa, 2003.

MACHADO, Luciana. *A visão da família e da mulher rio-grandense durante a Revolução Farroupilha* (1835-1845). s/d. In: http://UBE.167.pop.com.br/repositório/110187/meusite/visão_da_familia.

MAYA, Alcides. *Ruínas Vivas*. Romance gaúcho. Prefácio de Cyro Martins. 2.ed. Porto Alegre: Movimento; Santa Maria-RS: UFSM, 2002.

_____. Guri In: _____. *Tapera*. Cenários gaúchos. Porto Alegre: Movimento; Santa Maria-RS, UFSM, 2003.

ORTIZ, Airton. *O papel da mulher na Revolução Farroupilha*. In: FLORES, Hilda Agnes Hüber et al. *A mulher no período farroupilha*. Porto Alegre: Tchê, 2003.

PERNIDJI, Joseph e PERNIDJI, Mauricio. *Homens e mulheres na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Farrapos, liberalismo e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando (org): *A Revolução Farroupilha: História e Interpretação*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1997, 2ª ed.

POTTHAST, Bárbara Residentas. Destinadas y otras heroínas: El nacionalismo paraguayo y el rol de las mujeres en la Guerra de la Triple Alianza. In: POTTHAST, Bárbara e SCARZANELLA, Eugenia (eds.). *Mujeres y naciones en América Latina*. Problemas de inclusión y exclusión. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: ERUS, 1987.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Razões da Independência*. 4ªed. São Paulo: Difel, 1986

SPALDING, Válter. *A Revolução Farroupilha: história popular do grande decênio, seguida das “Efemérides” principais de 1835-1845, fartamente documentadas*. 3º Ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.